

ENTREVISTA CÂMARA EM AÇÃO,

Boletim da Câmara Municipal de Machado (MG)

Entrevista realizada com o **Professor Dr. Maurício Waldman**¹ autor e co-autor de muitos livros, centrados na questão da Cultura, do Meio Ambiente e da Geografia. Waldman é Mestre em Antropologia e Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP).

1. O QUE É SER ECOLOGICAMENTE CORRETO? É POSSÍVEL SÊ-LO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO?

WALDMAN: Primeiramente, aproveitando o ensejo, gostaria de adiantar que eu não acredito em fórmulas “politicamente corretas”. Acho que cada um é cada um e ponto final. O primeiro passo para estabelecermos uma ditadura, qualquer que seja sua fundamentação, é um critério para julgarmos o outro, com base no qual estabelecemos como cada um deve obrigatoriamente agir. Então eu trocaria a expressão “politicamente correto” por “educando para o meio ambiente”. Aí o assunto ganha outro enfoque. E porque? Pela simples razão de que quando recusamos alguém de fora nos obrigando a atuar de um “modo correto”, nossa tendência é agir de acordo com o nosso senso comum interno, aquele que nunca falha em julgar a nós próprios. Ora, a questão do meio ambiente não é algo externo a nós. Embora se fale muito do mico-leão dourado, da baleia e do urso panda, o que de fato interessa é o meio ambiente imediato, aquele que está bem debaixo do nosso nariz e que de fato é o que nos importa. Então vamos ao que interessa: O meio ambiente não é algo fora de nós ou que existe em ambientes externos aos que conhecemos. O tal do “meio ambiente” está em toda parte: na escola, no espaço de trabalho, nos locais onde namoramos e fazemos amizades e na nossa casa. Olha só que leque enorme de opções disponíveis! Podemos atuar em todos estes espaços guiados por um bom senso que nos entenda enquanto parte da natureza. O que precisamos antes de tudo é entender que os recursos não são infinitos, tampouco inesgotáveis. Assim, se cada um de nós agir em todas as esferas existentes fazendo o que seria a sua parte, o seu quinhão, então é perfeitamente possível mudar o conjunto no seu sentido mais amplo. Podemos poupar água, poupar energia, reciclar lixo. Podemos mudar nossos hábitos de consumo. Podemos nos transformar em fonte de exemplo para nossos amigos e vizinhos. Podemos, cada um de nós fazer muito, um pouquinho cada um, e bastante se somarmos com o que cada um pode

¹ Maurício Waldman é autor de 12 livros, consultor ambiental e professor titular do Curso de MBA em Gestão Ambiental da PUC, Campus Poços de Caldas (MG). E-mail: mw@mw.pro.br; Home-page: www.mw.pro.br.

somar pelo bem comum. E tudo isto pensando uma meta maior, que é evitar a destruição da natureza. E nisso tudo, o que mais importa é o fator pedagógico. Proceder de modo correto com o meio ambiente é, antes de tudo, uma questão de procedimento, e não de investimento.

2. O QUE CONDUZIU A HUMANIDADE AO ATUAL QUADRO DE RELAÇÃO DESTRUTIVA COM A NATUREZA?

WALDMAN: Buscando situar o problema, não haveria como não enfocar primeiramente o aspecto histórico da questão ambiental. Comparando a sociedade ocidental moderna com as sociedades ditas tradicionais, percebemos que de um modo geral a percepção que se estabeleceu no mundo ocidental sempre desqualificou a natureza. Esta afirmação pode ser exemplificada por intermédio de uma longa série de comportamentos presentes no nosso próprio cotidiano, na forma como utilizamos os recursos, da forma como agimos com as pessoas e na nossa linguagem. Afinal, quando queremos dizer que alguém não é inteligente, o que é que dizemos? Falamos que a pessoa é burra. E se não for educada? Então é um cachorro, um cavalo. Quando é feia o que essa pessoa é? Um urubu. E se for má? Então é uma cobra, uma serpente. E assim vai. Até quando uma situação não é boa para nós, o que é que dizemos? Que a situação está um mangue. Note bem, todas estas adjetivações, que fazem parte de uma lista verdadeiramente interminável, são baseadas em conceitos, ícones ou seres da natureza, negativamente qualificados e semanticamente direcionados para que assim definam comportamentos ou situações incultas, más e não-civilizadas. Nada disso ocorria nas sociedades anteriores ao mundo moderno. Vejam as divindades egípcias. Existia uma, o deus Sobek, que tinha corpo humano e cara de crocodilo que nada mais era do que o guardião do paraíso! Olha só quanta consideração por um réptil, um crocodilo! Como nossa postura não é em nada semelhante à que imperou no passado do homem, a partir daí o que acontece? Na visão ocidental de mundo, a natureza existe apenas para servir ao homem, ser utilizada por ele. Nesta interpretação, não existe qualquer espaço para respeitar os ciclos naturais. Por isso mesmo devemos, caso queiramos de fato construir uma sociedade perdurável, um mundo viável para nossos filhos e netos, reeducar e mudar nossos procedimentos. E isto, eu diria de um modo urgente.

3. COMO VOCÊ DEFINIRIA SOCIEDADE SUSTENTÁVEL? A GLOBALIZAÇÃO, COMO A TEMOS HOJE, É UM MARCO FAVORÁVEL À CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE SUSTENTÁVEL?

WALDMAN: Em primeiro lugar, uma sociedade sustentável é aquela em que a utilização dos recursos naturais ocorre de modo a não comprometer o bem estar da sociedade como um todo, seja hoje, seja, no futuro. Isto significa dizer que teremos

que alterar imediatamente toda uma série de procedimentos que se tornaram parte do nosso dia-a-dia. Para que esta afirmação não fique apenas em nível de uma posição pessoal, vamos recordar que a especialista australiana Lorraine Elliott, considerada a maior especialista em ecopolítica no meio acadêmico, assinala que se algo não for feito no máximo nos próximos quinze anos, então será melhor a gente ir arrumando uma poltrona em algum disco-voador e se mandar para outro planeta, porque este estará então num ponto de não-retorno. Isto é, a degradação terá alcançado um patamar tão pronunciado que não existirá então forma de retroagir o problema. Assim, não é mais possível manter esta civilização do desperdício, do descartável, jogando fora recursos e valores humanos, quando não as próprias pessoas. Precisamos alterar nossos procedimentos com as embalagens, proibir que refrigerantes sejam condicionados em latinhas de alumínio e que os alimentos sejam desperdiçados. Como foi comentado na minha palestra, não é possível permitir o desperdício de cereais quando recordamos que para produzir um quilo de trigo consumimos 900 litros de água, e isso para não se falar na carne bovina, que solicita 100.000 litros de água para cada quilo produzido. Não é possível permitir que esta loucura continue, até porque a natureza não é um almoxarifado do qual você vai retirando o que deseja e quando os recursos acabam, por milagre eles reaparecem do nada. Por fim, recordemos que esta mudança de comportamento não tem nada a ver com criticar a globalização. A globalização chegou para ficar e não adianta permanecer numa posição crítica sem ser propositivo. Não adianta ficar falando em “acabar com a globalização”. Antes, precisamos mudar seu direcionamento, alterando os procedimentos em todas as escalas e passando a valorizar estas mudanças especialmente no nosso espaço de vida, na nossa casa, no nosso quarteirão e na nossa cidade.

4. MESMO FICANDO POR POUCO TEMPO NA CIDADE FOI POSSÍVEL VERIFICAR E FAZER UM DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO AMBIENTAL DO MUNICÍPIO. COMO AMBIENTALISTA, QUAL A SUA OPINIÃO A RESPEITO DAS PROPOSTAS E DOS PLANOS DO SISTEMA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE DE MACHADO? E EM QUE O PODER LEGISLATIVO PODE CONTRIBUIR?

WALDMAN: Machado é um município que apresenta muitas nuances interessantíssimas, a começar pela cultura do café orgânico. Existe atualmente em curso uma forte pressão por parte de consumidores ecoconscientes para que a direção tradicionalmente assumida pela agricultura seja revertida em favor de tecnologias menos impactantes ao meio natural. Pelo que entendi, a cultura do café orgânico tem alcançado um grande progresso no município e a partir disso, porque não aprofundar estas medidas e deste modo transformar radicalmente a vida do município com base num signo ambiental? É neste sentido que como ambientalista fiquei muito contente em saber que Machado já tem uma diretoria de Meio Ambiente e particularmente, que o órgão está encabeçado por uma pessoa que conheço pessoalmente, o Luiz Flávio, que além de ser um técnico na área ambiental, possui um interesse genuíno com a conservação da natureza. Este é um bom começo de

trabalho administrativo porque precisamos de pessoas com formação técnica e disposição pessoal para enfrentar os problemas relacionados com a questão ambiental. Sem isso absolutamente nada vai para frente. Fiquei igualmente satisfeito em saber que a diretoria está começando a trabalhar procurando efetivar projetos cabíveis, passíveis de execução em curto e médio prazo. Refiro-me aos projetos de recuperação ambiental do Morro do Cristo e de conservação ambiental do Parque dos Trinta. Os dois projetos são interessantes e como disse, tem a peculiaridade de poderem ser executados de modo relativamente rápido, marcando assim o imaginário das pessoas. Aliás, não adianta nada ter idéias brilhantes, mas que emperram na hora de serem executadas por serem de difícil implantação. Toda proposta verdadeira tem que ser uma prática real. Por isso mesmo fiquei gratificado em tomar conhecimento destas propostas, que podem pavimentar o caminho para muitas outras, como, por exemplo, pensar uma apropriação ambiental sustentável do espaço do município, implantar coleta seletiva de lixo e reforçar a educação ambiental, seja em nível do ensino municipal, seja em nível de cursos de capacitação de professores. Por fim, nada do que foi colocado prescindiria da uma excelente relação que deve estar pautada entre a administração pública e o poder legislativo. Entendi a partir de muitas conversas com o presidente da Câmara Municipal de Machado, o Professor Toninho, que minha palestra em Machado é apenas um ponto de partida para um trabalho ambiental a ser desenvolvido na cidade. Foi muito bom escutar isso. Quando o assunto em pauta é a questão ambiental, o contexto exige um bom relacionamento com ambos poderes, que é essencial, fundamental e inclusive obrigatória, até porque estamos nos referindo a uma questão, a ambiental, da qual depende o próprio futuro do planeta.

5. VOCÊ ESTÁ OTIMISTA OU PESSIMISTA SOBRE A POSSIBILIDADE DE TERMOS UM FUTURO MENOS POLUENTE PARA O PLANETA?

WALDMAN: Não faço parte das pessoas que advogam a tese do “quanto pior melhor”. Não gosto nem um pouco disso. Particularmente quando o assunto em pauta é a questão ambiental, nosso esforço tem que ser no sentido de somar e não de dividir e tampouco, de “anestesiá-la” a opinião pública unicamente expondo problemas e não apresentando soluções. Agora, é evidente que a conjuntura na qual vivemos é muito preocupante e sem dúvida alguma a humanidade está correndo um risco muito sério se as tendências em favor da depredação do meio natural persistirem e não forem freadas urgentemente. Neste particular mencionaria a obra Colapso, do geógrafo Jared Diamond, que estudando a questão da crise ambiental, ele conclui que o mundo moderno está numa encruzilhada. Na sua avaliação, assim como na de Lorraine Elliott, o que o futuro nos reserva irá depender das opções que venhamos a adotar hoje. Faço votos, portanto que estas opções sejam as corretas e ademais, que todos nós possamos nos empenhar em solucionar este problema.

6. SEGUNDO LEVANTAMENTOS DO INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS (INPE), DIVULGADOS NO MÊS DE MAIO, A AMAZÔNIA PERDEU UMA ÁREA DE MAIS DE 26 MIL QUILOMETROS QUADRADOS ENTRE 2004 E 2005: UM TERRITÓRIO QUASE DO TAMANHO DO ESTADO DE ALAGOAS. COMO O SENHOR VÊ A AÇÃO DO GOVERNO DIANTE DESSE QUADRO?

WALDMAN: Aproveitando a resposta anterior, lamentavelmente, a administração do presidente Lula frustrou quanto à questão ambiental não uma, mas todas as expectativas suscitadas por sua ascensão ao poder. Constitui um dos exemplos mais nefastos de má orientação num momento em que, como assevera Jared Diamond, é de encruzilhada. No seu governo, numa linha exatamente oposta à da agricultura ecológica, qual seja, a que respalda, por exemplo, o café orgânico, a soja transgênica tomou conta de vastas áreas do país. O Brasil continua a ser um dos recordistas mundiais em péssima gestão do lixo. Não há controle sobre o um diversificado leque de substâncias perigosas, inclusive dos resíduos nucleares. Ocorre invasão de espécies estrangeiras por todos os lados. O saneamento, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, está estagnado. Para piorar, o país esbanja de modo irresponsável seus recursos hídricos. E de fato, concordando com a pergunta, o desmatamento então foi uma tragédia. Para termos uma idéia do problema, dados divulgados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, o INPE, relevaram que no Brasil entre agosto de 2004 e agosto de 2005 a área desmatada alcançou a assombrosa cifra de 26.130 km². Esta área equivale a quase uma Alagoas inteira. Estes 26.130 km² constituem o segundo maior número desde 1988, quando o monitoramento começou a ser feito na gestão de José Sarney (aliás, um aliado a toda prova do governo Lula). É interessante observar que quase metade desta devastação (12.586 km²) ocorreu em Mato Grosso, justamente para abrir espaço para a soja transgênica. De um modo geral a devastação, neste estado como no resto do Brasil, foi em grande parte motivada pela expansão da pecuária, dos cultivos transgênicos e da exploração madeireira, via de regra executadas sem qualquer normatização ou fiscalização ambiental. No caso da madeira, tivemos o agravante, fartamente denunciado pela imprensa do envolvimento de pessoas do próprio Partido do presidente (isto é, do PT), em casos de corrupção. No fosse suficiente isto tudo, para espanto de qualquer pessoa séria tomamos conhecimento em 2006 de que o Ministério do Meio Ambiente (MMA) ficou eufórico - notem bem, eufórico - com a *diminuição* do ritmo da devastação. As estimativas preliminares do MMA registram que ao invés de 26.000 km², foram agora “apenas” 10.943 Km² de devastação de florestas destruídas nos 12 meses entre agosto de 2005 e julho deste ano. Ora, como é que pode uma coisa dessas, ficar satisfeito com “somente” 11.000 km² destruídos? Trata-se de uma brincadeira de mau gosto? De uma gozação? Como é que pode? “Só” 11.000 km²? Minha gente, estes 11.000 km² correspondem a uma vez e meia a superfície de um país como o Líbano! Vamos lembrar que os países que possuem uma política ambiental séria estabelecem planos para expandir florestas e não para diminuir sua destruição. Não é a toa que o deputado federal Fernando Gabeira rompeu com o governo Lula. Pena que a Marina Silva permaneça à testa do MMA em meio a tanta destemperança ambiental. Com isso ela apenas mancha de modo irrevogável sua biografia e em nada contribui para solucionar o problema.

Acho que cada um sabe da sua vida. Porém, se eu fosse ela já teria pedido demissão do MMA muitos meses atrás, acompanhando a decisão do Gabeira. Acredito que nada justifica sua covardia política em manter-se atrelada a um governo com tamanho passivo ambiental como o do Lula.

7. NOS SEUS LIVROS O SENHOR MOSTRA COMO É POSSÍVEL TER UM COMPORTAMENTO ECOLÓGICO DENTRO DE CASA, DO TRABALHO E NA ESCOLA. VOCÊ ACHA QUE COM ATITUDES LOCAIS COMO ESTAS SERÁ POSSÍVEL REVERTER A SITUAÇÃO DE DESTRUIÇÃO DA NATUREZA PROMOVENDO UM EQUILÍBRIO ENTRE HOMEM E NATUREZA?

WALDMAN: Durante a palestra que proferi na Câmara Municipal de Machado, enfatizei que a mudança do quadro ambiental que vivemos hoje em dia, qualquer que seja o foco do problema, solicita a participação de três segmentos: do Estado em seus diferentes níveis (federal, estadual e municipal), da Sociedade como um todo (associações de bairro, empresas, faculdades, igrejas, etc) e dos Cidadãos, ou seja, das pessoas enquanto indivíduos. Destas três referências, a mais importante é sem dúvida alguma o Estado. Aliás, o economista espanhol Joan Martinez Alier recorda que em países como o Brasil, a gestão do Estado possui uma importância fundamental para a conservação da natureza. Como disse na entrevista que concedi para o Programa Machado Agora, da Rádio Difusora, a despeito de muitos ambientalistas acusarem a iniciativa privada, o fato é que grande parte dos problemas ecológicos tem origem em políticas públicas equivocadas ou simplesmente ocorrem devido à sua ausência. Agora nada disso diminui a importância da sociedade como um todo, muito menos do indivíduo. Certo é que a atuação individual em si mesma não resolve o problema ambiental. Contudo, o fato é que caso o Estado e a Sociedade procurem atuar sem o apoio do Cidadão, os problemas também não serão solucionados. O Estado, a Sociedade e o Cidadão devem estar integrados na política de gestão ambiental, somando esforços e iniciativas. Eis uma fórmula que eu sempre repito: Estado atuante, Sociedade participante e Cidadão consciente, todos envolvidos para ações de sustentabilidade social e ambiental. Estes são os três suportes de uma política ambiental séria, justa e eficaz. Então o meu livro é um chamamento para que façamos a nossa parte e paremos de sempre acusar o governo ou as empresas por isso ou por aquilo. Nós também somos responsáveis. É exatamente esta minha mensagem final: lembrar que meio ambiente, além de ser um exercício de cidadania, também significa envolvimento com o mundo a partir de si mesmo, em todas as suas esferas de vida. Assim, que cada um se anime a começar imediatamente a fazer a sua parte!

**AUTORIZADA A CITAÇÃO E/OU A REPRODUÇÃO DESTA ENTREVISTA,
DESDE QUE MENCIONADA A REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA, CONFORME ABAIXO
DISCRIMINADO:**

WALDMAN, Maurício, 2006, Entrevista concedida para o Informativo *Câmara em Ação*, órgão oficial da Câmara Municipal de Machado (MG), edição nº 5, Novembro de 2006, página 6.

PROF. DR. MAURÍCIO WALDMAN - INFORMAÇÕES PORMENORIZADAS

Home-Page Pessoal: www.mw.pro.br

Biografia Wikipedia english: http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Currículo no CNPq - Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>